

## Ártemis

Karina Oliveira Bezerra<sup>1</sup>

O topo de uma montanha, por mais elevado, não existe sem ligação com o solo terrestre. Os deuses vivem nas alturas, mas num lugar que é ainda a terra (SISSA; DETIENNE, 1990, p.19).

Ártemis é uma deusa grega, moradora do monte Olimpo. Assim, é uma dos principais deuses gregos, fazendo parte do *dodektheon*, os doze deuses olímpicos. Ela é a deusa da caça de animais selvagens, protetora de mulheres e meninas, conhecida como a deusa do parto. Foi cultuada amplamente em toda a Grécia, tendo numerosos santuários e templos, sendo os mais célebres os de Brauron, Karyai, Esparta, Perga e Éfeso, esse último foi considerado uma das Sete Maravilhas do Mundo.

Na arte grega clássica (500-450 a.C.), Ártemis é retratada como uma jovem mulher ou menina, com o cabelo amarrado em coque e geralmente equipada com arco e flechas. Ela também é apresentada com aljava, um par de lanças de caça, tocha ou lira. Usa um vestido de menina, até o joelho, ou um manto de mulher, comprido (*chiton*), com uma capa (*chlamys*, *himation*). Na cabeça carrega uma coroa, arco de cabeça, touca, ou boné de peles. E ocasionalmente a pele de um cervo cobria seus ombros. Esse animal era sagrado para a deusa, sendo representada segurando, caçando, ou dirigindo uma carruagem com um par deles. No mito, o mais célebre de seus animais sagrados é a corça Cerineia. Ela tem chifres de ouro e pés de bronze, e corre com assombrosa rapidez sem se cansar<sup>2</sup>. O urso e uma variedade de aves aquáticas e terrestres também eram sagrados para Ártemis. Suas plantas sagradas são o cipreste e a palmeira.

Menos conhecida são as representações de Ártemis nos Períodos Geométrico (900 - 700 a. C.), Dedálico (650-600 a.C.), e Arcaico (c. 600-500 a. C.). No século VIII a.C. surgiu no oeste da Ásia e se difundiu na região do Egeu uma representação da deusa com asas, entre animais descontrolados. O estilo é parecido com os das famosas estatuetas

---

<sup>1</sup> Historiadora, mestra e doutoranda em Ciências da Religião, pela UNICAP. Bolsista capes de doutorado. Karina.olibe@hotmail.com

<sup>2</sup> Habitava o monte Cerineu, na Arcádia, escondendo-se num templo de Ártemis. Na verdade, a corça era a ninfa Taigeta, que para fugir da perseguição de Zeus foi transformada por Ártemis no magnífico animal. Em um dos famosos doze trabalhos de Hércules, o rei Euristeu exigiu que ele capturasse o animal.

das deusas mães serpentes de Creta (1.600 a.C.) e com as representações da deusa mesopotâmica Ishtar. Porém, o cabelo penteado no ombro lembra os egípcios. Em um vaso de bronze do século VII a. C., a deusa alada é flanqueada por quatro leões, os dois superiores descansando sobre duas cobras que emergem de sua cabeça. Uma águia se senta em sua cabeça, e a deusa segura duas lebres em suas mãos<sup>3</sup>. No período arcaico (600-500 a.C.) as representações já começam a se aproximar da clássica. Ela já aparece de perfil, ainda de cabelo solto, mas para trás. As asas permanecem, os seios não ficam mais à mostra e animais como o veado e aves aquáticas aparecem segurados por ela.

Ártemis é filha dos deuses Zeus e Leto, e irmã gêmea de Apolo. Quando Hera, a esposa de Zeus, soube da gravidez de Leto, com ciúmes acordou com a Titã Gaia, que o parto não se realizasse em terra firme. Poseidon, comovido, fez emergir do mar a ilha flutuante de Delos<sup>4</sup>. Ovídio (I a.C. – I d.C.), em *Metamorfoses*, livro VI, conta o ocorrido da seguinte forma:

Latona [Leto], quem o grande globo uma vez se recusou ao menor lugar para dar aos filhos nascer. Nem terra, nem céu, nem água aceitaria sua deusa, marginalizada do mundo, até que Delos se apaixonasse por suas andanças e disse: ‘Você vagueia a terra e eu o mar, sem abrigo’, e lhe deu um refúgio à deriva lá. Ela teve dois filhos [Apolo e Ártemis].

No hino à Ártemis do poeta grego Calímaco (III a.C), quando ela nasce, as Moiras ordenam que ela deve ajudar as mulheres no parto. Pois Leto nenhuma dor sofreu, nem na gravidez, nem no parto da deusa. O mitógrafo grego Apolodoro, em *Biblioteca*, afirma que após nascer, Ártemis ajuda no parto de Apolo. Na versão dos *Hinos Homéricos*, e de Pausânias<sup>5</sup> em que Ártemis nasceu em Ortygia e Apolo em Delos, é dito que a deusa Ilitia foi quem ajudou Leto no parto de Apolo. Ilitia é um dos epítetos de Ártemis.

A infância de Ártemis é contada por Calímaco. Quando era menina, Ártemis sentada sobre os joelhos de seu pai, Zeus, fez uma lista de pedidos: conservar a

---

<sup>3</sup> Para ver as imagens acesse: <http://www.sourcememory.net/art/greece/archaic.html>

<sup>4</sup> Nos *hinos homéricos* (VII-VI a.C.), o 03 que é dedicado a Delian Apollo, diz que Ártemis nasceu em Ortygia e Apolo em Delos. Essa versão também é reproduzida no *Hino Órfico 35* para Leto. Em *Fabulas*, de Higino (I d.C.), no tópico 53 e 140, ele diz que os irmãos nasceram na ilha Ortygia, que mais tarde se chamou Delos.

<sup>5</sup> Pausânias (II d.C). Livro I [18. 5 ].

virgindade eterna<sup>6</sup>; ter muitos nomes para que seu irmão Apolo não seja um rival; ser a Portadora da Luz<sup>7</sup>; ter um arco e flecha e uma túnica na altura do joelho para que ela pudesse caçar; ter sessenta oceaninas coreutas,<sup>8</sup> todas com nove anos de idade; e vinte ninfas como servas para cuidar de seus cães e arco enquanto ela descansava; governar todas as montanhas e apenas uma cidade, pois raramente Ártemis desce até uma cidade e se aproxima da cidade dos homens apenas para ajudar as mulheres no parto.

Ártemis passou sua infância buscando coisas que ela precisaria para ser uma caçadora. Assim, ela obteve o seu arco e flechas de Hefesto. Dos Ciclopes ela pediu que criassem um arco de Creta e uma aljava cheia de flechas. E que com o arco pudesse matar qualquer animal selvagem ou criatura monstruosa, que ela iria dar para os ciclopes comerem. Em Arcádia, Ártemis ganhou sete cadelas e seis cães do deus barbudo, Pan. Então, encontrou ao pé da montanha Parrhasian, cervos enormes, dançando, e com os chifres brilhando com ouro. Ela parou maravilhada e seu coração sussurrou que: “Esta seria uma primeira captura digna de Ártemis”. Assim, sem os cachorros, capturou quatro dos cinco cervos dourados para puxar sua carruagem. Ártemis praticou com seu arco de prata primeiro disparando contra uma árvore de Olmo, segundo num Carvalho, terceiro em algum animal selvagem e quarto numa cidade de homens injustos que traem seus convidados e a eles mesmos, com muitas ações perversas.

Assim, Ártemis é a deusa da caça por excelência e essa é sua primeira função. Mas ela não é selvageria. Ela delimita a fronteira entre o mundo selvagem e civilizado. Marca os limites garantindo com sua presença uma perfeita articulação. Ela se identifica não apenas com o caçador, mas também com a presa. Ela e suas companheiras assumem a forma de cervas e ursos. Ao mesmo tempo em que mata animais, também os protege. Nessa fronteira, ela regulamenta as obrigações e proibições da arte da caça, que é controlada e disciplinada. Ártemis também é a curótrofa. Ela cuida de todos os rebentos, dos animais e humanos. Ela nutre, faz crescer e amadurecer. No crescimento, assim como a deusa, os jovens tomam uma posição liminar, incerta e equívoca, na qual ainda não estão claramente determinadas as fronteiras. Ela preside os ritos de iniciação para a plena sociabilidade. Ela dá aos jovens condições de abandoná-la na hora certa e institui os ritos que os libera. Ártemis também é a deusa do parto. Esse constitui a longa

---

<sup>6</sup> O termo que é traduzido como virgem, também pode indicar “não casada”. O que parece mais adequado a certas situações de culto.

<sup>7</sup> Ártemis, em seu aspecto de caçadora, seria representada portando archotes, mas essa caracterização pode ter sido incorporada em outras situações de culto, de modo que ela seria referida como “relâmpago” ou associada a essa luz ou fogo nas obras de alguns autores anteriores. (WERNER, 2001, p.256)

<sup>8</sup> Meninas que integram a *Chorós* (coro).

maturação das meninas e o início do percurso do recém-nascido. O parto com seus gritos também é animalesco e produz um animalzinho alheio a qualquer regra de cultura. (VERNANT, 1988, 15-29).

Veremos a seguir nos pontos 1 e 2 alguns aspectos da deusa e seus epítetos. E no ponto 3 analisaremos o culto à Ártemis na atualidade.

### **1. Ártemis Britomartis Diktyнна Afaia Laphria: senhoras dos animais, rainha das montanhas.**

Na ilha de Creta havia uma deusa da caça e das montanhas chamada: Britomártis (doce donzela). Ela evitou a companhia da humanidade e ansiava por ser virgem para sempre. É frequentemente confluída ou sincretizada com Ártemis.

Britomártis, por nove meses foi perseguida pelas colinas de Creta, por Minos<sup>9</sup>, que se apaixonou por ela. Quando ele quase a teve, ela saltou de um penhasco para o mar e caiu nas redes dos pescadores, sendo salva. Daí vem seu sobrenome Diktyнна (Dama das redes), e o nome da colina Diktaion. O poeta Calímaco conta essa história no terceiro hino de Ártemis e chama Diktyнна de ninfa, a qual Ártemis amou. O poeta diz no hino: “Os cretenses invocam você [Ártemis] com o nome dessa ninfa”. O historiador Diodoro Sículo (I a.C.)<sup>10</sup> disse que elas passaram um tempo juntas, e por isso alguns pensam que são a mesma deusa. Conta que Britomártis, que também se chama Diktyнна, nasceu em Caeno, em Creta, de Zeus e Karme, filha de Eubulus, que era filho de Deméter. Complementa dizendo que ela inventou as redes (*dictya*) que são usadas na caça, por isso se chamou Diktyнна. Não aceita o conto da perseguição de Minos, pois uma deusa, filha do maior dos deuses, não ficaria tão indefesa, nem Minos teria esse caráter<sup>11</sup>. E os cretenses instituíram sacrifícios e construíram templos em homenagem à deusa. O viajante Pausânias (II d.C.)<sup>12</sup>, fala que foi Ártemis que gostava muito dela, que a tornou deusa e que seu culto também foi realizado em Egina. Onde os habitantes dizem que Britomártis mostrou-se, e seu sobrenome na ilha tornou-se Afaia (*Aphaea*). O gramático

---

<sup>9</sup> Rei, semi-deus da ilha de Creta.

<sup>10</sup> Na sua obra, *Library of History*, no livro V [5.76.3] e [5.76.4].

<sup>11</sup> Diodoro tenta converter as histórias dos mitos em histórias factuais. Para esse fim, ele inventou uma variedade de histórias para racionalizar e explicar os elementos fantásticos do mito. Muitas dessas são tão descontraídas quanto as histórias originais. No entanto, apesar dessas reformulações, seu trabalho preserva muitas histórias de mitos não encontrados em outros lugares.

<sup>12</sup> Na sua obra, *Description of Greece*, no livro V [2.30.3].

Antonino Liberal (II d.C.)<sup>13</sup> conta que Britomártis chegou na ilha em um barco do pescador Andromedes, que a desejou e colocou as mãos nela. Assim, ela saltou do barco, entrou no bosque e desapareceu. Nesse local há um templo para ela e foi chamada de *Aphaea* (aquela que desapareceu). Também diz que a estátua dela apareceu no templo de Ártemis. E acrescenta que a chegada de Britomártis na Grécia foi em Argos, vinda da Fenícia, de lá foi para Cefalônia onde ganhou o nome de Laphria e sacrifícios, indo depois para Creta.

## **2. Ártemis Apankhomene, Lysizonos e Lygodesma: protetora das meninas e mulheres.**

Hipócrates tem um tratado ginecológico de nome *Peri Parthenion*, datado provavelmente entre o século V ou IV a.C. O título é usualmente traduzido como *Sobre doenças de garotas jovens*, apesar de não existir de fato equivalente em português ou inglês. Em algumas traduções o termo “garotas jovens” é traduzido por “virgens”, mas o principal foco do campo semântico de *parthenos* não é “virgem”, mas “não casada”. A ideia de ser uma jovem é presente, mas não exclui as mulheres velhas não casadas. Apesar do médico grego Sorano de Éfeso claramente ter aplicado o termo para garotas antes da menarca. Hipócrates diz que a epilepsia, era comum nas mulheres que, apesar de estarem prontas para casar, permaneciam solteiras. Para ele, a *parthenon* que não casa no tempo certo não pode menstruar, pois o orifício de saída não foi aberto. O sangue então se move para o coração e diafragma, causando um grande perigo e seus efeitos se assimilam a sensação de câimbra. Os sintomas exibidos são: delírios, medo do escuro, vontade de se estrangular e se jogar. Na falta de visões, ela mostra fascinação erótica pela morte. Assim, quando seus sentidos retornam, orientada por adivinhadores, ela dedica muitos objetos para Ártemis, sobretudo sua mais esplendida roupa. Os adivinhadores que pedem dedicações para Ártemis após a menarca fazem referência ao papel desempenhado por essa deusa em outros estágios da maturação feminina. O médico, com os sintomas, logo recomenda o casamento e essa indicação pode ser relacionada à

---

<sup>13</sup> Na sua obra, *Metamorphoses*, [40]

ideia de que o parto alarga as veias e alivia a menstruação ou que a menstruação é bloqueada pelo hímen (KING, 2002, p. 81-82).

Para entendermos a dedicação à Ártemis neste momento, temos que analisar alguns dos seus mitos. Um dos epítetos da deusa é *Ártemis Apankhomene* (em favor do outro), originada do mito “Ártemis estrangulada”, contado por Pausânias. Um dia, algumas crianças, por brincadeira, amarraram uma corda na imagem de Ártemis. Entendido como sacrilégio, elas foram apedrejadas até a morte. Então, como resposta à injustiça, as mulheres de Kaphyae, a cidade do ocorrido, tiveram seus bebês nascidos mortos. A sacerdotisa de Apolo foi consultada e pediu para que as crianças fossem enterradas e recebessem sacrifícios, pois tinham sido injustamente mortas. É comum nos mitos de Ártemis esse padrão em que um erro é feito, os culpados são atingidos por doenças e o equilíbrio é restaurado depois da *Pythia* dar um conselho<sup>14</sup>. Mas note que não é uma mera doença, mas sim o interrompimento da reprodução das *gynaiques*, que negaram o epíteto de estrangulada da deusa. E é aí que chegamos ao ponto: seria correto aquele título, uma vez que a prática de se estrangular era culturalmente realizado, motivado por sexo indesejado? E lembremos que a vontade de se estrangular é um dos sintomas da *parthenos* que não se casa. E será Ártemis a eterna *parthenos*<sup>15</sup>, que não derrama seu sangue nem na caça, nem no sexo, nem no parto, a responsável pelo derramamento do sangue no processo da *parthenos* tornar-se *gynê* (KING, 2002, p. 86, 87).

Paralelo à oposição sangramento/estrangulamento existe a relação liberando/limitando em que Ártemis será *Lysizonos*, liberadora do cinto e *Lygodesma* vinculada com a *agnos castus*. O uso de um cinto, nas roupas femininas, reflete o estágio da vida das mulheres gregas. Seu uso começa na puberdade e mais tarde é dedicado a Ártemis como parte do processo de casamento. Assim, Ártemis terá o epíteto de *Lysizonos*, e libera o cinto na defloração, e como protetora dos partos, um novo cinto depois do nascimento da criança pode ser dedicado à deusa. Portanto, Ártemis é a liberadora do sangue nas “estranguladas”, na defloração e no parto. Outro sangramento transitório a qual Ártemis é chamada é o *lóquios*. O status de *gynê* só é dado se houver a liberação desse sangue, e a falta dele é visto como perigoso. A menarca e o *lóquios* marcam o começo e o fim da transformação da *parthenos* para *gynê*. Desta forma, Ártemis *Lysizonos* libera o cinto na defloração e no parto. O outro referido epíteto da

---

<sup>14</sup> Com esse mito, Ártemis também ganha o título de *Kourotrophos*, dado aos deuses que protegem as pessoas jovens.

<sup>15</sup> As consideradas verdadeiras *parthenos* não sangram.

deusa, Lygodesma<sup>16</sup>, como dito, é vinculado à planta chamada Lygos ou *agnos castus*, e aqui chegamos ao aspecto de casta. Essa associação pode ser explicada pela conexão da deusa com o mundo das plantas, e das qualidades medicinais dessa em questão. Ela reduz o desejo sexual, mas estimula a menstruação e a lactação. A planta também é forte e flexível, podendo ser usada para cordas/cintos. Percebemos então, que Ártemis está vinculada a Lygos, e a liberar o cinto, abrangendo dois aspectos temporais da “mulher”: a *parthenos*, estrangulada, que não sangra; e a *gynê*, libertada, que sangra (KING, 2002, p. 88-91).

### 3. Ártemis hoje

Ártemis é uma deusa bastante cultuada hoje. Ela é adorada em religiões neopagãs, como a Wicca e o Reconstrucionismo Helênico. Bem como em grupos de espiritualidade e sagrado feminino. Como filha dessa deusa por 14 anos, para finalizar o texto, expressarei a tradução dela para a atualidade, na minha perspectiva, que não representa a totalidade, mas é uma das visões de contemporaneizar a divindade e enxergá-la na vida.

As flechas de Ártemis, que atingia quem transgredisse, desrespeitassem as leis da natureza, e os animais - havendo leis decretadas em seu nome, de contenção à caça de animais e ao abate de árvores - se manifesta hoje nas nossas doenças e vários problemas advindos da exploração dos animais e destruição da natureza sagrada. A virgindade de Ártemis representa a necessidade da natureza e dos animais permanecerem intocados tanto quanto possível. Eles não existem para servir os humanos e só com a coexistência que poderemos alcançar uma vida plena.

Como nós somos natureza, estamos cavando nossa própria cova. Quando disparamos as flechas no animal, na árvore, na água, no alimento, nas pessoas, estamos disparando em nós mesmos. A depressão causada pela vida urbana, egoísta, apressada, plástica, virtual e apartada da natureza, da realidade, pode ser curada por Ártemis. Ela mostra que os ciclos da natureza e da fecundidade precisam ser honrados para que a vida continue a florescer plenamente, as pessoas se encontrem consigo e saiam da caverna, de uma vida zumbi, de sofrimento e angústia, apartada dos deuses. Ter consciência e ser responsável pela sua existência é o primeiro passo para que as flechas parem de disparar. Para isso é preciso interrogar-se por cada passo dado, por cada ato realizado, por cada

---

<sup>16</sup> Pausânias foi quem deu esse epíteto, em alternativa a Ártemis Orthia. Sua explicação foi baseada numa estória em que a imagem de culto foi encontrada em um matagal daquela planta que a fez ficar de pé.

palavra dita. É preciso sentir e agir em conformidade com a preservação e harmonia da vida, com liberdade para todos os seres.

### Referências Bibliográficas

APOLLODORUS. (1921). *The Library*. Translated by Sir James George Frazer. Loeb Classical Library Volumes 121 & 122. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd.

ANTONINUS LIBERALIS. (1992). *Metamorphoses*. Translation by Celoria, F. London: Routledge.

CALLIMACHUS. *Hymn to Artemis*. Traduzido para o inglês por Yvonne Rathbone. Disponível em: <http://home.earthlink.net/~yvonr/pagan/classics/callhymn.pdf>

\_\_\_\_\_. (1921). *Hymns and Epigrams. Lycophron. Aratus*. Translated by Mair, A. W. & G. R. Loeb Classical Library Volume 129. London: William Heinemann.

DIODORUS SICULUS. (1935). *Library of History*. (Books III - VIII). Translated by Oldfather, C. H. Loeb Classical Library Volumes 303 and 340. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd.

HOMERO. (2009). *Hinos homéricos: hinos I e do VI ao XXXIII*. Tradução, introdução e notas de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus,

HYGINUS. (1960). *The Myths of Hyginus*, translated and edited by Mary Grant. University of Kansas Publications in Humanistic Studies, no. 34. Lawrence: University of Kansas Press.

KING, H. (2002). Bound to bleed: Artemis and greek woman. In: MCCLURE, Laura K. (Org.). *Sexuality and Gender in the Classical World: Readings and Sources*. Malden: Blackwell,

OVIDIO. (2016). *Metamorfoses*. São Paulo: Editora 34.

PAUSANIAS. (1918). *Description of Greece*. Translated by Jones, W. H. S. and Omerod, H. A. Loeb Classical Library Volumes. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd.



SALIS, V. (2003). *Mitologia viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar*. São Paulo: Nova Alexandria.

SISSA, G.; DETIENNE, M. (1990). *Os deuses gregos*. São Paulo: Companhia das Letras,  
(1914). *Hesiod, Homeric Hymns, Epic Cycle, Homeric*. Translated by Evelyn-White, H G. Loeb Classical Library Volume 57. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd..

(1792). *The Hymns of Orpheus*. Translated by Taylor, Thomas University of

VERNANT, P. (1988). *Com a morte nos olhos: figurações do outro na Grécia Antiga; Ártemis, Górgo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WERNER, E. (2001). *Poesia e metáforas de luz no hino a Ártemis de Calímaco*. Revista Letras Clássicas, n.5, p. 249-260.